

Uma história concisa do

ORIENTE MÉDIO



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Goldschmidt Junior, Arthur

Uma história concisa do Oriente Médio / Arthur Goldschmidt
Junior, Ibrahim Al-Maraschi ; tradução Caesar Souza. –
1. ed. – Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2021.

Título original: A Concise History of the Middle East

ISBN 978-65-5713-152-7

1. História do mundo 2. Oriente Médio 3. Oriente Médio – Fronteiras – História
I. Al-Maraschi, Ibrahim. II. Título.

21-60754

CDD-956

Índices para catálogo sistemático:

1. Oriente Médio : História 956

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Uma história concisa do

ORIENTE MÉDIO

Arthur Goldschmidt Jr.
Ibrahim Al-Marashi

Tradução de Caesar Souza

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

© 2019 Taylor & Francis

Tradução autorizada a partir da edição em língua inglesa intitulada *A Concise History of the Middle East*, publicada pela Routledge, membro do Grupo Taylor & Francis.

Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil:
2021, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
www.vozes.com.br
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

CONSELHO EDITORIAL

Diretor

Gilberto Gonçalves Garcia

Editores

Aline dos Santos Carneiro
Edrian Josué Pasini
Marilac Loraine Oleniki
Welder Lancieri Marchini

Conselheiros

Francisco Morás
Ludovico Garmus
Teobaldo Heidemann
Volney J. Berkenbrock

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Fernando Sergio Olivetti da Rocha

Diagramação: Sheilandre Desenv. Gráfico

Revisão gráfica: Alessandra Karl

Capa: SGDesign

ISBN 978-65-5713-152-7 (Brasil)
ISBN 978-0-8133-5091-2 (Reino Unido)

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda.

Sumário

Lista de ilustrações, 7

Prefácio, 9

1 Introdução, 11

Parte I – O surgimento do islã até o zênite do poder abássida, 23

2 O Oriente Médio antes de Muhammad, 25

3 Muhammad e o surgimento do islã, 39

4 O início das conquistas árabes, 62

5 O alto califado, 80

Parte II – Os impérios turcos dos seljúcidas aos otomanos, 97

6 O surgimento do xiismo e o influxo dos turcos, 99

7 As invasões dos cruzados e dos mongóis, 100

8 A civilização islâmica, 120

9 Armas de fogo, escravos e impérios, 142

Parte III – As incursões europeias e a reação nacionalista, 167

10 Interesses europeus e imperialismo, 169

11 Reformas ocidentalizadoras no século XIX, 181

12 O surgimento do nacionalismo, 198

Parte IV – Primeira Guerra Mundial e suas repercussões, 217

- 13 As raízes do ressentimento árabe, 219
- 14 Governantes modernizadores e os estados independentes, 238
- 15 O Egito e o Crescente Fértil durante o domínio europeu, 264

Parte V – O Conflito árabe-israelense, 291

- 16 A disputa pela Palestina, 293
- 17 O renascimento de Israel e o surgimento do nacionalismo árabe, 314
- 18 A guerra e a busca pela paz, 349

Parte VI – A ressurgência islâmica, 389

- 19 A reafirmação do poder islâmico, 391
- 20 A Guerra do Golfo de 1991 e o processo de paz, 425
- 21 A década Pós-11/9 no Oriente Médio, 447

Parte VII – A Primavera Árabe e suas consequências, 483

- 22 Na estação do descontentamento árabe, 485
- 23 A guerra fria regional no século XXI, 517

Apêndice I, 533

Apêndice II, 535

Glossário, 537

Ensaio bibliográfico, 585

Ensaio web-bibliográfico, 637

Índice, 645

Lista de ilustrações

Mapas

- 1.1 Características físicas do Oriente Médio, 18
- 2.1 Impérios bizantino e sassânida, cerca de 600, 33
- 5.1 O califado abássida, cerca de 800, 87
- 6.1 Os fatímidas e os seljúcidas, cerca de 1090, 108
- 9.1 Os mamelucos e os ilcanidas, cerca de 1300, 145
- 9.2 O Império Otomano nos séculos XVI e XVII, 156
- 13.1 O Acordo Sykes-Picot, 1916, 232
- 13.2 Os mandatos do Oriente Médio, 1924, 236
- 16.1 O Plano de Partição da ONU para a Palestina, 1947, 312
- 18.1 Israel e os territórios ocupados, 1967-1973, 353
- 18.2 A situação territorial no final da Guerra de Outubro de 1973, 375
- 19.1 A área do Golfo Pérsico, 406
- 21.1a Iraque, 470
- 21.1b Distribuição aproximada de grupos étnicos e sectários do Iraque, 471
- 21.2 Assentamentos nas áreas da Cisjordânia e na Faixa de Gaza, 1967-2010, 477
- 22.1 Mapa político do Oriente Médio na véspera da Primavera Árabe, 2011, 488
- 23.1 Mapa político do Oriente Médio, com depósitos de gás e óleo, 2018, 525
- 23.2 Áreas com maiorias curdas, 529

Figura

- 4.1 O clã hachemita, mostrando os *imames* xiitas, 77

2 O Oriente Médio antes de Muhammad

Se a história pode ser definida como o passado registrado da humanidade, então o Oriente Médio teve mais história do que qualquer outra parte do mundo. Embora a espécie humana tenha provavelmente se originado na África, as principais inovações em direção à civilização ocorreram no Oriente Médio. É aqui que muitas plantações de alimentos básicos foram cultivadas, a maioria dos animais de criação foram domesticados, e as primeiras aldeias agrícolas foram estabelecidas. Aqui, também, surgiram as mais antigas cidades do mundo, os primeiros governos, os primeiros sistemas religiosos e legais. A escrita e os registros de preservação foram invenções do Oriente Médio. Sem elas, a história, como comumente conhecida, seria inconcebível.

O ambiente

Durante os 10.000 anos antes do nascimento de Cristo, os povos do Oriente Médio desenvolveram várias habilidades para lidar com seu ambiente desafiador. O Ocidente tende a perceber o Oriente Médio como uma extensão de dunas de areia e desertos com alguns oásis dispersos. Nessas imagens mentais e escritas, o camelo é o único animal que poderia sobreviver ao calor insuportável. Embora isso possa ser verdadeiro para muitas partes da região, o Oriente Médio possui um ecossistema complexo no qual população, flora e fauna se ajustaram às mudanças climáticas e secas e sobreviveram a crises ecológicas prolongadas.

Quando os planaltos se tornaram secos e áridos, as pessoas aprenderam a canalizar os grandes rios para cultivar mais grãos. Os sistemas de água de superfície e subterrâneo moldaram basicamente a maioria das paisagens ambientais do Oriente Médio. Seus habitantes foram bem-sucedidos em controlar o fluxo dos rios como o Nilo, Eufrates, Tigre e Jordão por meio

de barragens e canais, assim como canais subterrâneos de água (chamados *qanats*), estabelecendo a base para um sistema agrícola bem desenvolvido.

O Oriente Médio foi uma das primeiras regiões onde os humanos mudaram suas estratégias de sobrevivência de coleta e caça para agricultura de subsistência e assentamento. Domesticaram jumentos e gado para suportarem suas cargas e partilharem seu trabalho. Construíram fornos quentes o bastante para queimar peças de barro. Confeccionaram ferramentas e armas de bronze e, mais tarde, de ferro forjado. Conceberam alfabetos adequados para enviar mensagens e manter registros em tabuletas de barro ou rolos de papiro. Desenvolveram cultos e rituais, expressando as crenças que davam significado às suas vidas.

A civilização antiga da Suméria no sul da Mesopotâmia produziu um dos primeiros exemplos de agricultura irrigada que levou ao aumento da população. Contudo, a densidade populacional maior e o uso exagerado da terra levaram à salinização do solo, provocando o colapso da Suméria. No centro das abordagens ambientais sumérias e de outros povos do Oriente Médio estava o desenvolvimento de canais de irrigação que continham o potencial para prosperidade assim como para o fim dessas civilizações.

Em seu *Mu'jam al-buldan* (Dicionário dos Países), de 1228, o geógrafo árabe Yaqut al-Hamawi descreve a barragem de terra de Marib no Iêmen de hoje:

a água das fontes se junta... se acumulando por trás da barragem como um mar. Sempre que desejavam poderiam irrigar suas plantações a partir dela, bastando apenas liberar o quanto de água que necessitavam das comportas; tão logo tivessem utilizado o suficiente, fechavam novamente as comportas quando desejassem.

A barragem de Marib está localizada próximo a Sanaa, capital atual do Iêmen. Chamada a barragem mais antiga do mundo, foi construída pelos antigos sabeus para capturar as chuvas da monção sazonal necessárias para irrigação. À época do nascimento de Muhammad, o Iêmen e o sul da Arábia, diferente da maior parte da Península Árabe, haviam desenvolvido agricultura propiciada pelos canais de irrigação alimentados pela barragem e suas redes de canais.

Os *qanats* são uma série de poços conectados por um túnel subterrâneo que canaliza a água para a superfície. A água flui do poço da montanha elevada original que se conecta ao aquífero abaixo da suave encosta de uma série de poços, terminando em uma fonte no nível da aldeia ou das plantações. Os poços ou fossos permitem fácil acesso e a remoção do

solo dos túneis dos *qanats*. Como um sistema de irrigação e de coleta de água, os *qanats* foram desenvolvidos na Pérsia durante o primeiro milênio AEC e espalhados ao longo do Oriente Médio. Os assírios dependiam dos *qanats* com uma fonte de água potável. A capital Persépolis era basicamente irrigada pelos *qanats*. A tecnologia dos *qanats* se espalhou para lugares além do platô iraniano, especialmente durante o governo dos aquemênidas, que permitiam aos escavadores se beneficiarem de suas receitas. Novos assentamentos emergiram à medida que *qanats* adicionais eram cavados ao longo da região, incluindo as orlas do Mediterrâneo, Península Árabe, Síria e Omã. Ao leste, o sistema foi difundido através dos oásis da Ásia Central na Rota da Seda até a cidade chinesa de Xinjiang. Após o islã emergir e se espalhar pelo Oriente Médio, os *qanats* foram introduzidos nos oásis norte-africanos e na Espanha.

A natureza árida do Oriente Médio tornou o *qanat* uma escolha básica de gerenciamento de água mesmo antes do islã. Diferente de tecnologias de bombeamento, o *qanat* é um sistema muito confiável e sustentável de uso de um recurso escasso, uma vez que permite o fluxo contínuo de água sem drenar o aquífero. Uma classe hereditária de escavadores habilidosos mantinha os *qanats*, movendo-se de um lugar a outro para construir novos. Onde não havia rios, esse método de distribuição de água facilitou o assentamento ao longo do Oriente Médio. Seus habitantes absorveram os medos e os persas que vinham do norte e os sucessivos invasores semitas da Arábia. Eles se submeteram aos macedônicos de Alexandre no século IV AEC, mas logo os absorveram em suas próprias culturas. Finalmente, no último século antes de Cristo, as terras ao leste e ao sul do Mediterrâneo foram absorvidas pelo Império Romano.

Pérsia e Roma

Os dois grandes impérios que existiam na aurora da Era Comum, Pérsia e Roma, ocuparam muitas páginas dos livros de seus precursores imperiais. Durante o período da dinastia aquemênida (550-330 AEC), a Pérsia, a terra agora chamada Irã, havia governado vários grupos étnicos e religiosos em uma área que se estendia do Indo ao Nilo. Alguns, mas não todos, reis e nobres seguiam a religião de Zoroastro, que viveu em torno do século XI AEC. Ele havia ensinado a existência de uma deidade suprema, Ahura Mazda (Senhor Sábio), criador dos mundos material e espiritual, fonte da luz e das trevas, fundador da ordem moral, legislador e juiz de todos os entes. Uma

força opositora, Ahriman, era representada pelas trevas e pela desordem. Embora Zoroastro profetizasse que Ahura Mazda terminaria vencendo o conflito cósmico, todas as pessoas eram livres para escolher entre o bem e o mal, a luz e as trevas, a verdade e a mentira. Os zoroastristas veneravam a luz, usando uma rede de templos de fogo guardados por uma grande classe sacerdotal. O zoroastrismo atraía principalmente os bem-nascidos persas, não os comuns ou as outras pessoas sob seu governo. Os reis aquemênidas toleravam as crenças e práticas diversas de seus súditos, conquanto obedecessem às leis, pagassem seus impostos e enviassem seus filhos ao exército persa. Seu império estabelecia o padrão seguido pela maior parte dos estados dinásticos multiculturais desde os tempos antigos. Quando Alexandre o Grande humilhou os aquemênidas e absorveu esse império no seu, esperava fundir os costumes helênicos (gregos) com a cultura do Oriente Médio. Muitas das ideias, instituições e administradores dos egípcios, sírios, mesopotâmicos e persas foram cooptados por seu extenso, mas breve reinado.

A fusão cultural prosseguiu mais tarde, quando Roma governou o Oriente Médio. Ao unificar sob seu governo todos os povos do mundo mediterrâneo, o Império Romano estimulou o comércio e o intercâmbio de povos e costumes. Várias religiões e cultos de mistério do Oriente Médio se disseminaram entre os romanos, incluindo o mitraísmo, um culto que começara na Pérsia e atraiu muitos soldados romanos, e o cristianismo, originalmente uma seita judaica cuja base de suporte foi ampliada por Paulo e os apóstolos. Muitos dos primeiros Pais da Igreja viviam na Anatólia, Síria, Egito e norte da África. Essas áreas – mais tarde a área central do islã – presenciaram os primeiros desenvolvimentos de muitas doutrinas e instituições cristãs. Ao final do século III, o cristianismo (ainda oficialmente banido pelo Império Romano), predominava, de fato, no Mediterrâneo Oriental. Seu apelo, relativo às religiões rivais, reside parcialmente em seu sucesso na adoção de aspectos atrativos de doutrinas anteriores. Por exemplo, os egípcios poderiam identificar a ascensão de Cristo a Osiris, um de seus deuses antigos que também havia morrido e ressuscitado.

Quando o imperador de Roma, Constantino (r. 313-37) se tornou um cristão nominal, ele redirecionou o curso da história, tanto no Oriente Médio quanto no Ocidente. Roma se tornou um império cristão. O imperador ordenou a construção de uma nova capital, estrategicamente situada no Estreito ligando o Mar Negro ao Egeu. Ele a chamou *Nova Roma*, mas seus habitantes a nomearam Constantinopla. Seu antigo nome, Bizâncio, sobrevive no jargão dos historiadores que seu “novo” Estado de Império

Bizantino. Na verdade, você pode simplesmente chamá-la Roma, como as pessoas fizeram no século IV e muito tempo depois. Mesmo agora, quando árabes, persas e turcos falam de *Rum*, referem-se ao que denominamos Império Bizantino, suas terras (especialmente a Anatólia), ou os fiéis em sua religião, o cristianismo ortodoxo grego. Rum era longe da cidade italiana às margens do Tibre, mas a ideia do império universal e multicultural da Roma antiga subsistiu nessa forma cristã e bizantina. Mais tarde, árabes e outros muçulmanos adotaram essa ideia e a adaptaram aos seus próprios impérios.

O governo romano se beneficiou de alguns povos do Oriente Médio. Suas cidades comerciais e manufatureiras floresciam, assim como antes. Comerciantes gregos, sírios e egípcios enriqueceram com o comércio entre Europa, Ásia e leste da África. Camaleiros nômades árabes, ou beduínos, carregavam tecidos e especiarias (assim como os proverbiais ouro, olíbano e mirra) através dos desertos. Outros habitantes do Oriente Médio navegavam através do Mar Vermelho, do Golfo e do Oceano Índico a terras mais ao leste. Ruínas de construções em Leptis Magna (Líbia), Jerash (Jordânia) e Baalbek (Líbano) nos dão uma noção da grandeza de Roma no Oriente Médio.

Mas a dominação de Roma tinha seu lado escuro. Síria e Egito, os celeiros do mundo antigo, eram tributados pesadamente para suportar grandes exércitos de ocupação e uma burocracia desproporcional em Roma e Constantinopla. Camponeses, fugindo para as cidades para escapar dos tributos, não podiam encontrar trabalho algum lá. Em troca, juntavam-se a gangues itinerantes que muitas vezes se rebelavam contra temas sociais ou religiosos. Em princípio, uma tolerância urbana das crenças e costumes de outros povos era a marca de um aristocrata romano. Mas sabemos que muito antes de Roma ter adotado o cristianismo, seus soldados tentaram suprimir uma rebelião judaica destruindo o Segundo Templo em Jerusalém. Muitos dos primeiros seguidores de Jesus foram torturados ou mortos por se recusarem a cultuar o imperador romano.

A Roma cristã se mostrou ainda menos tolerante. A difusão e triunfo do cristianismo o colocaram na corrente principal da filosofia helenística (de influência grega). Seguiram-se grandes crises doutrinárias, uma vez que os cristãos disputavam a natureza precisa de Cristo. Os pontos discutidos são difíceis de compreender hoje e podem confundir mesmo cristãos, assim como não cristãos. Vamos examinar os temas. A essência do cristianismo – que o distingue do judaísmo e do islamismo, as outras religiões monoteístas – é seu ensinamento segundo o qual Deus, agindo por amor

a uma humanidade muitas vezes pecadora, enviou seu filho, Jesus, para viver na Terra entre homens e mulheres e para redimi-los de seus pecados ao sofrer e morrer na cruz. Se você espera, após sua morte, ser reunido a Deus na próxima vida, você deve aceitar Jesus como Cristo (grego para “o ungido” ou “messias”) como seu salvador pessoal. O papel central de Cristo como mediador entre Deus e a humanidade levou os primeiros cristãos a muitas disputas sobre sua natureza.

Seitas dissidentes cristãs

Um grupo cristão, os arianos, que surgiu no começo do século IV, ensinava que Cristo, embora divinamente inspirado e originado, era ainda um homem não equivalente a Deus. Os inimigos dos arianos argumentavam que se Cristo fosse meramente um homem, sua crucificação, morte e ressurreição não poderiam redimir a humanidade. Eles conquistaram a aceitação da Igreja sobre a divindade de Cristo em um concílio organizado em Niceia em 325 EC. O arianismo se tornou uma heresia (uma crença contrária à doutrina da Igreja), e seus seguidores foram perseguidos como se tivessem traído o Império Romano. Muitos cristãos, contudo, aceitavam a Divina Trindade: Deus como Pai, Filho e Espírito Santo. Cristo foi realmente Deus? Se foi, os cristãos aceitam as histórias dos Salmos sobre a gravidez de sua mãe e de seu nascimento, batismo, missão e sofrimento – todos atributos essencialmente humanos?

Em Antioquia, surgiu uma escola de teólogos chamados nestorianos. Eles viam Cristo como duas pessoas, uma divina e outra humana, estreita e inseparavelmente ligadas. O concílio da Igreja em Éfeso condenou essa visão em 430, após o que o imperador e a Igreja Ortodoxa tentaram suprimir o nestorianismo ao longo do Império Bizantino. Muitos nestorianos encontraram refúgio na Pérsia e enviaram missionários para a Ásia Central, Índia, China e mesmo ao sul da França. Alguns de seus oponentes, chamados monofisitas, foram ao extremo oposto, afirmando que Cristo continha em sua pessoa uma natureza única completamente divina. Centrada na Alexandria, essa ideia monofisita conquistou seguidores por todo Egito, Síria e Armênia (um reinado independente ao leste da Anatólia). Os monofisitas egípcios chamavam a si próprios coptas, os jacobitas sírios; suas igrejas (mais a armênic) ainda sobrevivem. A maioria dos bispos ortodoxos, em um encontro na Calcedônia em 451, declarou que os monofisitas eram heréticos, como os arianos e os nestorianos. A Igreja Ortodoxa concebeu uma fórmula de compromisso: Cristo, o Salvador, era tanto Deus perfeito quanto

homem perfeito. Suas duas naturezas, embora separadas, eram combinadas na única pessoa de Jesus Cristo. Sempre que o imperador bizantino sustentasse a fórmula calcedônica, os bispos ortodoxos usariam seu poder para oprimir os egípcios e sírios que não renunciassem sua heresia monofisita (ou nestoriana). Essa política voltou os dissidentes contra Constantinopla e mais tarde facilitaria as conquistas árabes e o processo pelo qual o islã suplantou o cristianismo como a religião majoritária no Oriente Médio.

A rival persa de Roma

O Império Romano nunca monopolizou o Oriente Médio. Sempre havia um Estado rival na Pérsia que cobria não apenas o Irã de hoje, mas o que agora chamamos o Iraque (Mesopotâmia), além de terras mais ao leste, como o Afeganistão, o Paquistão e a Ásia Central de hoje. Cordilheiras, como a de Zagros nas terras ao norte do Golfo, de Elburz ao sul do Cáspio e os planaltos de Khurasan, recebiam chuva e neve o bastante para sustentar centenas de aldeias agrícolas de encostas. Os persas ultrapassaram os romanos na fundição de bronze e trabalho em ferro. Tanto Oriente quanto Ocidente adotaram motivos arquitetônicos persas, domos erigidos sobre perchinas (cantos reforçados), pátios sombreados e enormes murais de baixo relevo.

De 250 AEC a 224 EC, a Pérsia foi governada pelos partos, uma dinastia malcompreendida. Suas histórias escritas vieram dos romanos, que nunca puderam subjugar-los, e dos sassânidas, a dinastia persa que os suplantou. Dificilmente podemos esperar que essas fontes sejam simpáticas. Mas escavações arqueológicas provaram que os partos foram habilidosos caçadores a cavalo e dedicados arquitetos e artesãos. Eles preservaram a cultura persa e a religião zoroastriana; todavia, tornaram-se budistas e judeus em seu país.

Seus sucessores, a dinastia sassânida, usualmente recebem o crédito pela revivificação da Pérsia. Entre os séculos III e VII, eles acumularam um vasto império (mostrado no Mapa 2.1), tornaram o zoroastrismo a religião estatal e criaram uma forte administração centralizada. Os primeiros sassânidas enviaram estudiosos para muitos outros países para coletar livros, que eram traduzidos para o pálvavi (persa médio), para negociar e para coletar conhecimento científico e técnico. Muitos estudiosos estrangeiros foram atraídos para a Pérsia, um reinado tolerante no qual cristãos nestorianos, judeus e budistas podiam cultivar e fazer proselitismo livremente. Afastados do intolerante Império Bizantino no século V, sábios nestorianos encontraram refúgio na lendária academia persa de Jundishapur, um centro para a preservação da cultura helenística – na verdade, a herança humanista do

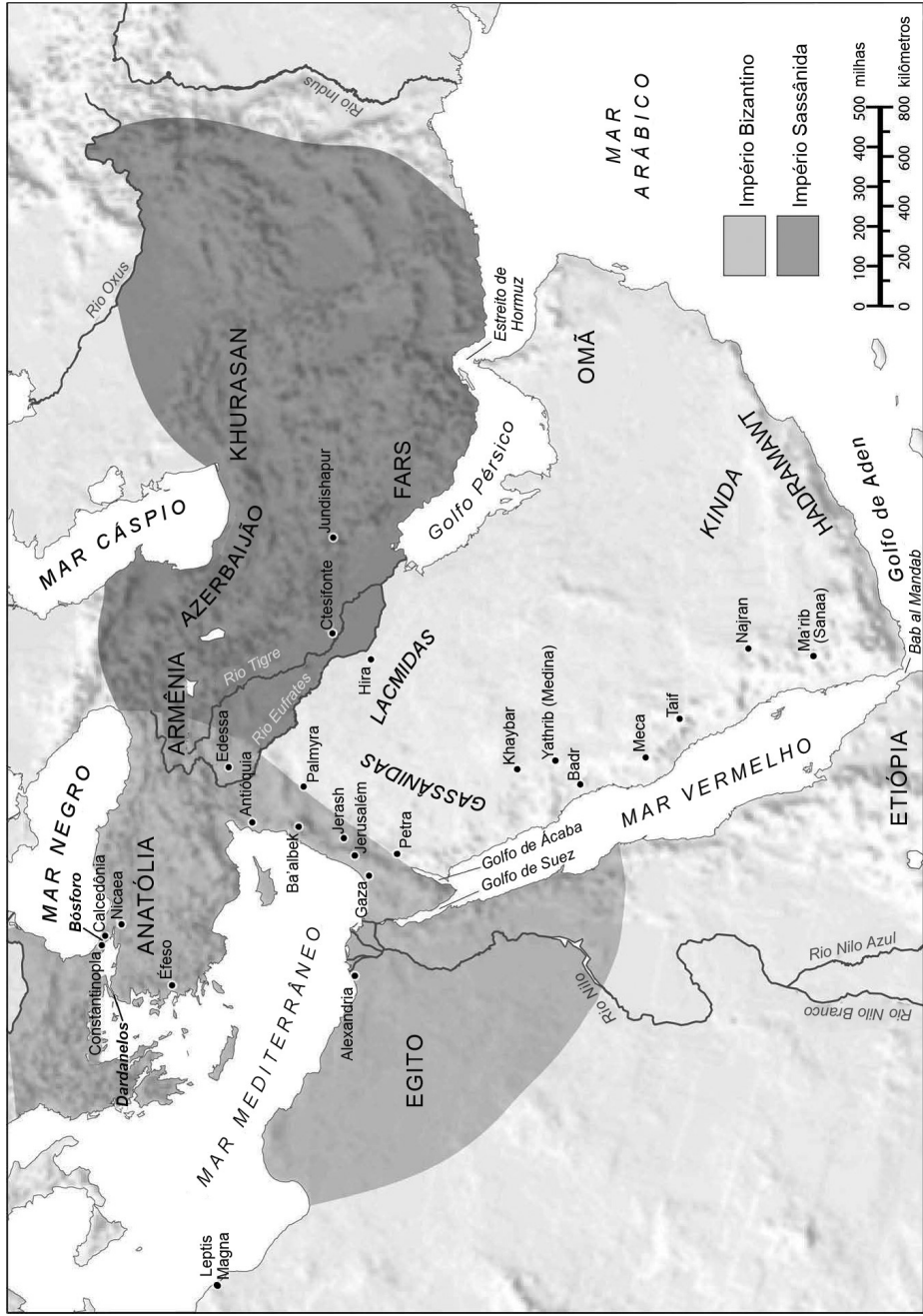
mundo antigo inteiro. Estudiosos e estudantes vinham de todas as partes da Europa e da Ásia para ensinar e estudar lá, sem impedimentos de preconceito racial, de dogma religioso ou de restrições políticas.

A influência da Pérsia se disseminou. Embora o apelo do zoroastrismo fosse limitado principalmente aos persas, deu origem a uma doutrina chamada maniqueísmo, que se espalhou pela Europa e Ásia durante a era sassânida. Enquanto isso, a arte persa influenciava a arquitetura, escultura, pintura e inclusive o *design* de joias e têxteis, do oeste da Europa à China. Ctesifonte, a capital sassânida ao sul do que é agora Bagdá, exibia prédios abobadados mais altos e amplos do que qualquer outro encontrado no Império Romano. Pouco admira que esse reino altamente cultivado tenha desafiado os romanos e seus sucessores bizantinos. Auxiliado por seus aliados beduínos na Arábia, soldados persas tomaram a Síria, a Palestina e o Egito no começo do século VII. Esse clímax, contudo, seria breve.

Os árabes

Não foram os persas que finalizaram a era helenística no Oriente Médio, mas seus aliados árabes. Como os árabes começaram? A domesticação do camelo, um lento processo que começou por volta de 3000 AEC, permitiu com que grupos de pessoas cruzassem os vastos desertos da Arábia, leste da Pérsia e, por fim, o norte da África. O dromedário árabe, ou camelo de uma corcova, é famoso por sua habilidade de cruzar longas distâncias por dias sem necessidade de água, devido à sua capacidade de beber 53 galões (200 litros) de água em três minutos, à sua retenção de líquidos uma vez consumidos, e à sua memória para buracos de água no deserto. Com relação a outros animais, o camelo perde pouca água por meio da transpiração, evaporação da pele e urina. Pés acolchoados, pelo curto e uma alta proporção de pele em relação à massa corporal ajudam-no a resistir ao calor. Camelos podem subsistir à base de plantas espinhosas e gramíneas secas que outros animais não podem digerir. Eles armazenam gordura – não água – em suas corcovas como uma reserva contra a escassez.

Os povos que domesticaram o camelo, provavelmente primeiro para alimentação e somente depois para o transporte, eram árabes. Ninguém sabe ao certo de onde vieram. Lendas populares os identificam como descendentes de Ismael, o filho de Abraão com sua serva, Hagar. Estudiosos acreditam que os árabes sejam relacionados aos ancestrais de outros povos que falam línguas semíticas, como os hebreus, os assírios e os ara-



Mapa 2.1 Impérios bizantino e sassânida, cerca de 600

meus, que se estabeleceram no Crescente Fértil (Síria e Mesopotâmia). Em tempos antigos, como a população superou os meios de subsistência em áreas tão abundantes como o Crescente Fértil, alguns grupos levaram a criação de ovelhas e cabras a terras em que nenhuma vegetação poderia medrar. Alguns se aventuraram mais longe e migraram de um oásis do deserto a outro (ou montanhas acima e abaixo) para encontrar água e vegetação sazonais para seus rebanhos. Aqueles que domesticaram o camelo conseguiram se mover ainda mais longe das terras dos camponeses, pastores e coletores de impostos.

Condições na Arábia

A Península Arábica era um lugar assim: desolado, privado de rios e lagos, isolado por terra e mar de tudo menos do invasor mais destemido. A única exceção é sua região montanhosa ao sul, o Iêmen, que discutiremos mais adiante. Os ventos predominantes do oeste do Mediterrâneo, que carregam chuva de inverno à Síria e à Anatólia, raramente levam umidade tão ao sul quanto a Arábia. Por vezes, uma tempestade incomum pode enviar inundações fluindo abaixo dos vales secos, mas grande parte da água se extravia porque o chão é muito duro para absorvê-la. Felizmente, a água subterrânea chega à superfície em fontes, buracos de água e oásis, onde tamareiras florescem. Os árabes aprenderam a se deslocar constantemente, seguindo a disponibilidade sazonal de água subterrânea e pastagem para seus animais. Leite e tâmaras – ocasionalmente carne e pão – constituíam sua dieta básica.

Teria sido difícil para um indivíduo ou mesmo a um pequeno grupo de pessoas sobreviver em um ambiente duro como esse. Grandes impérios militares ou cidades-Estado mercantis não teriam surgido lá. Os árabes eram organizados em clãs e tribos, famílias estendidas que migravam juntas e mantinham sua propriedade em comum. Significativamente, as tribos protegiam seus membros contra outros nômades e povos sedentários. Os árabes eram beligerantes e zelosos na defesa de sua honra, da qual dependia sua liberdade. Testes de força, como saques e lutas, eram comuns. Cada tribo era governada por um conselho de homens adultos que representava os vários clãs ou pequenos agrupamentos familiares. O conselho escolhia um *shaykh* (xeique: ancião), usualmente o membro da tribo mais respeitado por sua bravura e generosidade, exceto em algumas tribos onde a liderança era hereditária. O conselho decidia quanto a questões sobre iniciar uma

guerra ou fazer paz na medida em que a tribo aumentava sua parca receita saqueando outras tribos e “protegendo” as caravanas que carregavam mercadorias entre a Síria e o Oceano Índico. Alguns membros das tribos serviam como auxiliares nos exércitos persa ou romano – um imperador do século III foi nomeado Filipe o Árabe. Outros construíram cidades nos limites das áreas assentadas, como Palmira na Síria, Petra na Jordânia e Najran no Iêmen. Outros ainda assumiram a terra agrícola, como na região em torno de Yathrib (agora chamada Medina). Mas criação e captura de camelos eram as atividades mais respeitadas dos árabes.

Cultura árabe

Os árabes beduínos, uma vez adaptados à vida no deserto, podem ter carecido do refinamento dos romanos ou dos persas, mas não foram bárbaros. Eram beligerantes; a fome ou o hábito levou-os a explorarem uns aos outros ou aos estrangeiros. Seu movimento constante não lhes dava chance de desenvolver arquitetura, escultura ou pintura, mas possuíam uma forma altamente portátil de expressão artística – a poesia. A poesia pré-islâmica incorporava o código árabe da virtude, o *muruwwa*: bravura na batalha, paciência no infortúnio, persistência na vingança (a única justiça possível onde não havia governo), proteção dos fracos, resistência ao forte, hospitalidade ao visitante (mesmo a um total estranho), generosidade ao pobre, lealdade à tribo e fidelidade na manutenção de promessas. Esses eram os princípios morais exigidos para sobreviver no deserto, e os versos ajudavam a fixar o *muruwwa* em suas mentes. Recitados de memória pelas tribos árabes e seus descendentes, esses poemas expressavam as alegrias e tribulações da vida nômade, exaltavam a bravura de suas próprias tribos e satirizavam as falhas de seus rivais. Alguns árabes amavam tanto a poesia que costumavam interromper guerras e saques anualmente por um mês, no qual poetas poderiam recitar seus novos versos e competir um com o outro. A poesia pré-islâmica ajudou a moldar a língua árabe, a literatura e a cultura dos árabes, e, assim, os pensamentos e ações dos povos falantes do árabe inclusive hoje.

Sul da Arábia

Durante o tempo em que Roma e Pérsia pareciam dominar o Oriente Médio, havia na verdade um terceiro poder, distante e quase ignorado. O sul da Arábia, com sua chuva de monções e vegetação exuberante, parecia

um mundo à parte, mas fomentou o crescimento de várias cidades-Estado. Saba (de onde veio aquela rainha mítica de Sabá para visitar Salomão) é a mais conhecida. Mesmo antes da época de Cristo, seu povo, os sabeus, haviam desenvolvido um próspero comércio entre sua base no Iêmen e as margens distantes do Oceano Índico. Eles foram os primeiros a tornar a Índia e seus produtos conhecidos ao mundo romano e a colonizar o leste da África. Os sabeus construíram *qanats*, represaram riachos de montanhas, e escalonaram as encostas de montanhas iemenitas para sustentar uma agricultura elaborada. Seu principal produto de exportação era o olíbano, usado pelos romanos pagãos para mascarar o odor ofensivo quando cremavam seus mortos. A difusão do cristianismo, que substituiu a cremação pelo enterro, prejudicou o comércio de olíbano. Quando a Etiópia se tornou cristã e se aliou aos bizantinos, os árabes iemenitas, cujos reis haviam adotado o judaísmo até aquela época, ficaram no meio. Vários rompimentos de barragens, uma invasão etíope e uma depressão comercial se combinaram no século VI para enfraquecer o sul da Arábia.

A situação política era complexa. Três poderes externos lutavam pelo controle: o Império Bizantino, defensor do cristianismo ortodoxo; a Pérsia sassânida, governada pelos zoroastristas, mas abrigando cristãos nestorianos, judeus, budistas, maniqueus e outras seitas; e a Etiópia, que adotara o mesmo cristianismo monofisita que os súditos egípcios rebeldes dos bizantinos, os coptas. Cada império tinha uma tribo árabe cliente que pagava generosamente e lhe fornecia adornos da monarquia em retorno de serviço militar. A península foi muitas vezes devastada por guerras entre essas três tribos: os sassânidas bizantinos do noroeste; os lacmidas pró-sassânidas, com sua capital em Hira, próxima ao Eufrates; e a tribo cristã de kinda, vivendo na Arábia Central e amigável à Etiópia. Outras tribos árabes, algumas ainda animistas (atribuindo poder espiritual a objetos naturais), outras parcialmente zoroastristas, judaicas ou cristãs, tomavam parte de suas disputas. O sul da Arábia foi ocupado pelos etíopes de 525 a 570, quando os sassânidas reintegraram os reis judeus ao poder.

Meca

Grande parte da Arábia Central e do Norte mantinha uma independência precária. Em tempos de paz a área era cruzada por caravanas a camelo trilhando a rota terrestre de comércio ligando a Síria e o Iêmen. A despeito da demanda decrescente por olíbano, o comércio terrestre ganhou em im-

portância à medida que águas rasas e piratas do Mar Vermelho tornaram a navegação comparativamente arriscada. As guerras bizantino-sassânidas também tenderam a desviar o comércio para oeste da Arábia. Uma cidade árabe, anteriormente ligada a Sabá como um santuário religioso, emergiu no século VI como uma importante estação de caravana. Essa era Meca, situada no interior do Mar Vermelho entre as montanhas do Hijaz. Quente e seca, Meca não favorecia a agricultura. Obtinha parte de sua riqueza e poder do comércio. Mas sua primazia entre as cidades árabes se originou de três vantagens adicionais: uma exposição anual de poetas próximo a Ukaz; o Monte Arafat, já um sítio de peregrinação; e sua Caaba, uma estrutura em forma de cubo de idade desconhecida que abrigava ídolos (supostamente 360) representando as deidades veneradas pelas tribos árabes. Também próximos encontravam-se santuários menores que honravam deusas individuais, notadamente Al-Lat, Al-Uzza e Al-Manat, que eram cultuadas pelos próprios mecenos pagãos.

Os governantes de Meca pertenciam a uma tribo árabe sedentarizada chamada coraixita. Cada califa muçulmano por mais de seis séculos poderia remontar sua ascendência até essa família de comerciantes, guardiões de santuários e políticos. Sob sua liderança, os centros de poder do Oriente Médio mudaram do Mar Mediterrâneo e do platô persa para o deserto árabe e do Crescente Fértil. Alguns historiadores escrevem que essa mudança marcou a transição da era antiga para a medieval. A principal causa dessa transição em breve se tornará clara: Muhammad, o último e o maior dos profetas do islã, foi um meceno dos coraixitas.

Conclusão

Historiadores do sudoeste da Ásia se dividiam, conforme sua especialização, em historiadores do mundo antigo, do islã medieval e do Oriente Médio moderno. Embora essa prática reflita nossa formação (especialmente as línguas que aprendemos), você, como estudante que está aprendendo pela primeira vez sobre o Oriente Médio, não deveria desconsiderar como irrelevante a história da área antes do islã. As conquistas dos egípcios e mesopotâmicos antigos na engenharia hidráulica duraram (com renovações) até agora. O primeiro código de leis do mundo foi proclamado na Mesopotâmia por Hamurabi.

O desenvolvimento do monoteísmo pelos egípcios e especialmente pelos judeus foi um precursor necessário tanto para o cristianismo como para o islamismo. A filosofia grega e o direito romano são parte da herança do

Oriente Médio assim como do Ocidente. As disputas doutrinárias no começo do cristianismo terminaram estabelecendo a direção da teologia católica e, conseqüentemente, protestante, embora tenham também minado a resistência cristã à expansão islâmica. O reinado imperial da Pérsia sassânida, tradições burocráticas e a tolerância de doutrinas dissidentes estabeleceram um padrão para os estados dinásticos multiculturais, governados por muçulmanos. A experiência dos árabes antes do islã formou a matriz para o surgimento de Muhammad e sua missão como profeta. Instituições e costumes antigos subsistiram na Europa medieval e no começo do mundo muçulmano. Alguns, na verdade, ainda subsistem.